



## “Por uma Sociolinguística Românica ‘Paramétrica’” – relendo Tarallo 1987 e virando a página

### “*For a ‘Parametric’ Romance Sociolinguistics*” – revisiting Tarallo 1987 and turning the page

Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro / Brasil

eugenia@letras.ufrj.br

<http://orcid.org/0000-0001-8329-1226>

Eduardo Patrick Rezende dos Reis

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro / Brasil

eduardorezende@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-5049-4200>

**Resumo:** Este trabalho revisita a proposta de Tarallo, feita em 1987, que observou os resultados de pesquisas variacionistas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), num momento em que esse modelo começava a se desenvolver. A proposta, tida como herética, já que a Teoria Gerativa não olhava, naquele momento, para a mudança linguística (e nem deveria olhar, visto que naquele momento buscava depreender os princípios invariáveis da Gramática Universal), acabou por se mostrar importante no estudo da mudança sintática no português brasileiro, uma vez que os dois modelos teóricos não estavam competindo, mas se complementando. Além de rever a proposta de Tarallo, que tem contribuído para o estudo da mudança sintática, mostramos como se desenvolve uma pesquisa em Sociolinguística utilizando como componente teórico a teoria de Princípios e Parâmetros. Mostramos ainda que os resultados dessa associação, posta em prática no Brasil a partir dos trabalhos de Tarallo e Kato e seus orientandos, e aqui ilustrados por uma análise contrastiva do português europeu e brasileiro contemporâneos, têm sido reconhecidos por eminentes gerativistas interessados no curso da mudança linguística de longa duração.

**Palavras-chave:** variação e mudança linguística; teoria de princípios e parâmetros; sociolinguística românica paramétrica; Fernando Tarallo; análise contrastiva PB-PE; sujeito nulo.

**Abstract:** This article revisits Tarallo's (1987) proposal observing variationist results, using the Theory of Language Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) in the light of the emerging Principles and Parameters Theory (CHOMSKY, 1981). His proposal, then considered heretical, because generative theory was not concerned about language change then (and it should not have been, because its interest then was then to find invariable principles of Universal Grammar), ended up as an important tool to study syntactic change in Brazilian Portuguese. We would soon realize that the two models were not in competition; on the contrary, they were complementary: the Theory of Language Variation and Change had to be associated with a linguistic theory. As an example of such association, proposed by Tarallo and continued with his work with Mary Kato and their students, we present the advantages of this combination in a contemporary analysis of Brazilian and European Portuguese, recognized by eminent generativists as an important tool to pursue the syntactic change in the long term.

**Keywords:** linguistic variation and change; theory of principles and parameters; parametric romance sociolinguistics; Fernando Tarallo; contrastive analysis BP-EP; null subject.

Recebido em 26 de fevereiro de 2022

Aceito em 16 de maio de 2022

## 1 Introdução

O principal objetivo deste artigo é mostrar que diferentes modelos teóricos podem ser usados para o estudo da mudança linguística, a depender do propósito que o analista tem em mente, sem esquecer que um modelo de estudo da mudança não prescinde de uma teoria linguística. Para tanto, fazemos uma releitura do artigo de Fernando Tarallo que saiu nos *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Revista do antigo Departamento de Linguística e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG, publicada entre 1978 e 1994, certamente uma das pioneiras entre as revistas que tiveram um papel fundamental no desenvolvimento dos estudos

linguísticos no Brasil. O volume 13, *Ensaio de Linguística*, publicado em 1987, traz o artigo que será o ponto de partida do nosso trabalho. Na seção 2, fazemos a nossa releitura do artigo de Tarallo e tentamos situar o texto no momento histórico em que foi escrito, além de mostrar como o texto deveria ser entendido hoje; em seguida, apresentamos, na seção 3, como a pesquisa sobre a mudança sintática nos moldes da Teoria da Variação e Mudança (TVM) é posta em prática, isto é, como se inicia uma investigação dentro da perspectiva paramétrica a que Tarallo se referia e que àquela época ainda não era possível justamente porque a Teoria de Princípios e Parâmetros (TP&P) estava em plena infância, como diz o autor; em 4, mostramos os resultados de uma pesquisa que conjuga a TVM com uma necessária (e óbvia) teoria gramatical, no presente caso, a TP&P; a seção 5 traz alguns efeitos colaterais ou subprodutos da mudança em curso no português brasileiro, que talvez passassem despercebidos sem uma adequada teoria gramatical associada à TVM. Em 6, retomamos a polêmica que envolveu a proposta de Tarallo (1987), para, desta vez, virar mesmo a página, ou seja, deixar de explicar repetidamente, mesmo depois de 40 anos do libelo de Tarallo e de tantos estudos realizados, que as descrições gerativistas são perfeitamente adequadas para um estudo da mudança paramétrica à luz da TVM.

## **2 Relendo Tarallo (1987)**

Em primeiro lugar, é preciso destacar que o texto de Tarallo (1987) deve ser lido e entendido dentro do contexto histórico em que foi escrito: o autor concluíra quatro anos antes sua tese de doutorado em Sociolinguística na Universidade da Pennsylvania e fica bem claro em sua tese que, por trás da aplicação do modelo da Sociolinguística Variacionista (ou Teoria da Variação e Mudança), é possível enxergar uma base teórica gerativista, seja no tratamento da estrutura das orações relativas, seja na discussão sobre o estatuto sintático do pronome relativo, para ele um complementizador,<sup>1</sup> entre outras reflexões. O autor teve, ainda nos anos

---

<sup>1</sup> Não entraremos na discussão acerca do estatuto do “que” nas chamadas subordinadas copadoras. Muito se tem escrito a esse respeito. Kato (2018) argumenta em favor do pronome relativo, que teria movimento mais curto na sintaxe, já que retoma um tópico marcado – elemento proeminente na subordinada aparecendo, em geral, sem a preposição quando na estrutura de base é um constituinte oblíquo.

1980, a oportunidade de assistir, junto com Mary Kato, a conferências de Rizzi na Universidade de Nova York sobre “a nova sintaxe comparativa e a teoria de Princípios e Parâmetros”. É verdade que, naquela década, a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) estava “em plena infância”, como diz o autor, e seu texto à época consistiu em **ver resultados de pesquisas variacionistas de fenômenos analisados por outros estudiosos da Teoria da Variação e Mudança (TVM)** e extrair dali generalizações formais sobre os resultados empíricos obtidos para essas línguas românicas à luz das primeiras ideias da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P).

No clássico artigo, o autor observa uma série de resultados de estudos empíricos sobre variáveis fonológicas e sintáticas no grupo românico. No caso das variáveis fonológicas, um exame minucioso dos resultados de análises sobre o espanhol, o francês e o português brasileiro, particularmente sobre a erosão de certos segmentos consonantais, permite ao autor concluir que “por detrás dessa precisão estatística há uma dimensão maior a ser percebida: as pistas que mais frequentemente justificam o encaminhamento de um sistema variável e mutante para uma e não outra direção” (TARALLO, 1987, p. 69), sugerindo claramente “parâmetros” de variação.

No caso das variáveis sintáticas, apesar de muito menos estudadas pela TVM na época do artigo, Tarallo chama a atenção para o fato de ser mais transparente o paralelo entre os avanços do modelo da TVM e o modelo de P&P. Para tal paralelo, o autor toma três estudos, um para cada uma das três línguas românicas em foco, sobre uma das principais propriedades associadas às línguas românicas positivamente marcadas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN): a chamada “inversão livre do sujeito” (cf. CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1982), presente no espanhol, no português europeu e ainda possível no português brasileiro, com muitas restrições, como mostram inúmeros trabalhos cuja discussão foge aos limites deste artigo, mas ausente no francês, um sistema negativamente marcado em relação ao PSN. O rótulo “inversão livre”, inicialmente usado para nomear uma das propriedades das LSNs, como o italiano, o espanhol e o português europeu, não é muito feliz, uma vez que não se trata de uma inversão propriamente “livre”, mas de uma inversão obrigatória nas LSN prototípicas do grupo românico. Ela ocorre nas sentenças apresentativas, ou seja, aquelas que expressam um juízo tético, como (1), ou um elemento novo, com valor de foco, como em (2):

- (1) Telefonou a Maria (em resposta a “Alguma novidade? / O que aconteceu?”)
- (2) Telefonou a Maria (em resposta a “Alguém telefonou?”)

A ordem VS não sofre restrições severas quanto à transitividade verbal no italiano, no espanhol peninsular e sulamericano e no português europeu, mas, no caso de verbos com mais de um argumento, um deles aparece, em geral, em forma de clítico, o que torna o predicado mais leve:

- (3) Comeu-a a Maria (em resposta a “Quem comeu a torta?”)

Ainda em relação à ordem VS, naturalmente nos sistemas que a licenciam, sujeitos “pesados” tendem a aparecer pospostos (4), um caso que se afasta da inversão livre ilustrada em (1)-(2) acima:

- (4) Foram indicados às bolsas todos os candidatos que tinham obtido notas acima de nove.

Em outras palavras, observando o francês contemporâneo, uma gramática que já não aceita sujeitos nulos nem a ordem VS, ainda raramente licenciados no francês médio, Tarallo observou numa análise de Dubuisson (1981) contextos que ainda permitem VS desde que um elemento desencadeador apareça em primeira posição ou na ocorrência de sujeitos pesados, como ilustrado em (4) acima. Na falta de um desencadeador, geralmente um adjunto, ou de um sujeito pesado, modificado por uma relativa, as sentenças não são gramaticais em francês (TARALLO, 1987, p. 70):

- (5)a. **Au bout** de la rue brille une lumière.  
‘No fim da rua brilha uma luz’  
  
b. \*Brille uma lumière au bout de la rue.  
‘Brilha uma luz no fim da rua’
- (6)a. Sont tenus de présenter d’excuse au professeur tous les enfants qui ont été absents de l’école plus d’une demi-journée.

‘São obrigados a apresentar uma justificativa ao professor todos os alunos que estiveram ausentes da escola por mais de meio turno.

b. \*Sont tenus de présenter d’excuse au professeur tous les enfants

Estudos como esses levam Tarallo a perguntar: “até que ponto os resultados obtidos pela pesquisa variacionista permitem identificar uma redefinição do Parâmetro e um realinhamento de suas propriedades?” (TARALLO, 1987, p. 70). De fato, Tarallo estava levantando hipóteses em relação ao conjunto de propriedades que estavam sendo elencadas, na tentativa de buscar os parâmetros de variação entre as línguas, uma vez propostos os princípios invariáveis, comuns a todas. Não se pensava então, no âmbito de TP&P, que um determinado valor paramétrico pudesse mudar ao longo do tempo. Mas, lendo os resultados que lhe caíam às mãos, Tarallo chegou a pensar na redefinição e realinhamento de propriedades associadas a uma determinada marcação paramétrica. Assim, se, algum dia, o francês viesse a se tornar novamente uma língua [+Sujeito Nulo], os mesmos fatores que regulam a ordem VS no italiano, no espanhol peninsular e sulamericano e no português europeu iriam reger a ordem VS no francês. Se, ao contrário, essas três línguas viessem a deixar de ser sistemas [+ Sujeito Nulo], certamente os verbos monoargumentais, a presença de um desencadeador e o peso do sujeito seriam os ambientes mais resistentes à mudança, como mostram os dados do francês, e, podemos acrescentar: como mostram hoje os dados do português do Brasil, em que a ordem VS vem sendo perdida, mas resiste com verbos monoargumentais, particularmente os inacusativos, tanto em sentenças declarativas quanto em interrogativas-Q, desde que o SD sujeito seja lexical (não pronominal). Além disso, a presença de um desencadeador em primeira posição e o peso do SD são igualmente importantes (cf. SANTOS; SOARES DA SILVA, 2012, sobre as declarativas; e DUARTE, 1992; NICOLAU DE PAULA, 2016; PINHEIRO; MARINS, 2012, entre outros, com resultados empíricos em relação às interrogativas-Q.)

A proposta de Tarallo viria a se concretizar no clássico artigo de 1989, reeditado em 2007, que confirma o casamento entre a TVM e a Teoria de P&P, quando Tarallo e Kato publicam “Harmonia trans-sistêmica variação intra e inter-linguística”. O texto de 1987 é aí retomado com maior profundidade e procura compatibilizar a linguística

de “propriedades paramétricas” com a linguística “de probabilidades”, que hoje poderíamos substituir por linguística “de pesos relativos”. O modelo estatístico utilizado pela metodologia variacionista que indica a “probabilidade” de aplicação de uma regra (tendo 0,5 como um ponto neutro) foi substituído por um modelo logístico de “pesos relativos”, capaz de superar os problemas de análise causados pelas frequências brutas. Segundo Naro (2003, p. 20), esse modelo logístico, introduzido por Pascale Rousseau e David Sankoff em 1978, “engloba as boas propriedades dos modelos anteriores, substituindo-os em qualquer análise de dados”. Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados **não têm significância analítica**; o que importa é **a sua ordenação**, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo “peso relativo”. Assim, os resultados estatísticos das análises<sup>2</sup> apresentam (ou deveriam apresentar) a “relação” entre os pesos obtidos - quanto maior a distância entre eles, mais relevante é o que alcança o peso mais alto em relação ao que alcança o mais baixo no que diz respeito ao seu efeito no uso da variante tomada como valor de aplicação. É muito frequente verificar que inúmeros trabalhos deixam de mostrar essa “relação” entre os pesos, apontando apenas o mais alto. Um peso isolado não faz o menor sentido; apenas quando “relacionado” aos demais dentro de um grupo de fatores ele nos diz alguma coisa.

Tarallo nunca afirmou que o modelo da TVM se confundia com uma teoria linguística estruturalista ou gerativista, por exemplo (cf. DUARTE, 2016; 2019a). Essa confusão gerou inúmeras discussões acerca da incomensurabilidade entre o modelo de estudo da mudança, de um lado, e as descrições que essas teorias formais fornecem justamente ao variacionista, que delas se utiliza para pôr de pé uma análise da mudança em curso. Pagotto (2000)<sup>3</sup>, que retoma a polêmica iniciada com Borges Neto e Müller (1987), e repetida em publicações que não atualizam os

---

<sup>2</sup> Apesar da insistência dos que trabalham com a Teoria da Variação e Mudança para que as análises apresentem a “relação” entre os pesos obtidos, a maioria dos trabalhos deixa de mostrar essa “relação” entre os pesos. Não tem sentido mencionar o peso mais alto simplesmente sem apontar sua relação com os demais. Isolado, seja ele qual for, não faz qualquer sentido.

<sup>3</sup> O texto de Pagotto (2000), que infelizmente não teve ampla circulação, estará em breve disponível numa edição da Revista Diadorim, n. 23, volume especial – PrInt, 2021. Sua leitura é indispensável aos interessados na questão da (in)comensurabilidade dos dois modelos.

questionamentos à luz de resultados da aplicação da Sociolinguística com a descrição formal gerativista, chama a atenção para o fato de que a TVM e as teorias linguísticas lidam com entidades de outra natureza, dado o caráter imanentista dessas, e “por essa razão, não é possível que a Teoria da Variação e Mudança se coloque como concorrente, seja do Estruturalismo, seja da Teoria Gerativa. Eles estão em mundos diferentes” (PAGOTTO, 2000, p.54). O autor, no entanto, mesmo reconhecendo a incomensurabilidade, mostra que a TVM se apropria do conhecimento acumulado por essas teorias, particularmente quando delas se utiliza para propor os grupos de fatores que podem favorecer ou refrear a variação. Em seu artigo, Pagotto enfatizava que a TVM tinha uma importante função à sua frente: “avançar na sua formulação teórica, definindo mais claramente o estatuto dos grupos de fatores, o que significava, segundo ele, “definir mais claramente o estatuto dos grupos de fatores, a fim de que o nível explicativo da teoria avance com relação ao nível descritivo” (PAGOTTO, 2000, p. 58).

Aliás, a falta de uma explicitação acerca da origem e da justificativa do estabelecimento de grupos de fatores que entram numa análise variacionista é um dos motivos de severas críticas aos estudiosos da variação. Tratando das análises de variáveis sintáticas (mas podendo ter aplicação a quaisquer outras variáveis linguísticas), Alison Henry em 2002 (aqui citada na reedição de 2006) corrobora as palavras de Pagotto:

No âmbito dos estudos variacionistas tem havido pouca discussão sobre **que tipo de fatores** pode afetar a escolha de variantes ou sobre **como determinados fatores são escolhidos** para a análise num caso específico. Tipicamente os fatores selecionados para alimentar uma análise de estatística aparecem sem uma discussão extensiva e não fica claro como, **excetuando as intuições do pesquisador**, se chegou a eles ou se há quaisquer restrições sobre o que pode ser um fator numa determinada análise (HENRY, 2006 [2002], p. 277)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Do original: “Within variationist studies, however, there has been little discussion of what type of factors can affect the choice of variants, or of how the particular factors are chosen for analysing any given case. Typically the factors chosen for entry into VARBRUL analysis appear without extensive discussion, and it is not clear how, apart from the intuitions of the researcher, these are arrived at or whether there are any constraints on what can be a factor here” (HENRY 2006, p. 277).



Assim, já estamos entrando num tempo em que a TP&P não se encontra mais em plena infância e a mudança linguística passa fazer a parte da agenda de muitos gerativistas a partir dos estudos de Kroch (1989 e. o.), quando o modelo de competição de gramáticas, no estudo do curso da mudança, vem se contrapor à ideia de que a variação se encontra dentro da mesma gramática. Só o desenvolvimento da TP&P permitiria tal perspectiva.

De todo modo, já não estamos igualmente no momento histórico que levou Tarallo a propor uma “leitura” de diversos trabalhos variacionistas, e a reafirmar sua “intenção de desmistificar alguns pré-conceitos (ou serão eles preconceitos?) de que as análises empíricas teriam o propósito de falsear as análises de modelos psicológicos, de recuperar a sistematicidade na diversidade, de que análises empirista e racionalista de um mesmo fenômeno não poderiam ser compatíveis entre si” (TARALLO, 1986, p. 20).

Diante dos argumentos e fatos exemplos que o autor oferece no texto, as críticas então não procedem. O certo, porém, é que o trabalho do variacionista que utiliza as descrições da TP&P não é mais fazer uma leitura de estudos variacionistas elaborados sob outras perspectivas e dali levantar hipóteses, fazer previsões sobre o que poderia acontecer diante de tais e tais circunstâncias. Não! O variacionista que escolhe estudar uma mudança sintática observada no sistema tem hoje em suas mãos refinadas e abundantes descrições gerativistas, e Tarallo pôde acompanhar o início desse refinamento, que já se faz ver nos trabalhos por ele orientados e em suas parecerias com Kato, aqui mencionadas. Esse refinamento permite ao variacionista responder às questões colocadas por Pagotto (2000) e Henry (2006 [2002]), mostrando o que deu origem às suas hipóteses, de onde vieram seus grupos de fatores, como é o curso da mudança, que evidências do “encaixamento” da mudança aparecem no sistema. Este é um dos problemas mais caros ao modelo da TVM. É sempre bom lembrar as palavras de Weinreich, Labov e Herzog (1968), de acordo com as quais os linguistas desconfiam do surgimento de novas formas no sistema que possam ser atribuídas ao acaso. Uma mudança num determinado ponto da estrutura provoca efeitos colaterais, e somente o analista que se utiliza ou se “apropria” de uma teoria linguística que, de fato, o oriente na identificação de uma nova forma no sistema, que aparece de forma não acidental, poderá relacioná-la a um efeito da mudança. Só assim se pode avançar na formulação teórica e, conseqüentemente fazer com que o nível explicativo avance em relação ao descritivo, como lembra Pagotto.

Para que possamos ilustrar como uma pesquisa sociolinguística evolui a partir de boas descrições formalistas e o quanto seus resultados podem contribuir para o que Tarallo se refere como redefinição e realinhamento de propriedades associadas a uma determinada marcação paramétrica, e até mesmo revelar uma remarcação do valor positivo ou negativo em relação a um parâmetro<sup>5</sup>, vejamos como uma descrição do comportamento do sujeito pronominal numa língua [+Sujeito Nulo] prototípica, como o italiano, pode contribuir, e, nós diríamos, se mostrar indispensável para entender o comportamento das línguas românicas [+Sujeito Nulo], e, a partir desse comportamento, iluminar os caminhos que percorre um sistema do mesmo grupo quando apresenta traços que se afastam do conjunto de propriedades que caracterizam tal marcação paramétrica, que é o caso do PB. Como os passos da pesquisa sociolinguística são conhecidos pelos eventuais leitores interessados neste artigo, passaremos, na próxima seção, a mostrar de onde vêm os grupos de fatores que devem ser levados em conta para pôr em prática a pesquisa em variação e mudança sintática à luz do que conhecemos sobre as línguas românicas de sujeito nulo e não nulo.

### **3 Alguns pontos de partida para o levantamento dos grupos de fatores linguísticos envolvendo a perda do sujeito nulo no PB**

O primeiro passo, nem sempre explicitado numa pesquisa sociolinguística (ou variacionista), é uma descrição, a mais refinada possível, do fenômeno variável em estudo. A alternância entre pronomes nulos e plenos que hoje se vê no português brasileiro não é definitivamente uma característica de línguas *pro-drop* ou [+Sujeito Nulo] do grupo românico. Um texto clássico de Calabrese (1986) chama

---

<sup>5</sup> Com o advento do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), é revisto o conceito de Parâmetro, que passa a ser concebido como traços morfológicos presentes no Léxico, a conjectura *Borer-Chomsky* (BAKER, 2008). A variação paramétrica, portanto, encontra-se associada à presença ou à ausência de traços formais contidos nos núcleos funcionais, conservando a natureza binária desses expoentes (agora) morfológicos. Anos mais tarde, Biberauer e Roberts (2015) propõem uma taxionomia para os Parâmetros, que se subdividem em 4 tipos hierarquicamente organizados: (a) macroparâmetros; (b) mesoparâmetros; (c) microparâmetros; (d) nanoparâmetros. Para uma discussão ontológica e empírica mais aprofundada sobre Parâmetros e variação paramétrica, conferir Roberts (2019).

a atenção para a existência de uma complementaridade entre sujeitos pronominais nulos e expressos em italiano<sup>6</sup>. Segundo o autor, o sujeito nulo é obrigatório quando o referente é esperado (em suas palavras, o Tema de uma predicação); o uso de um pronome pleno em tal caso (a que o autor se refere como “tônico”) implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença, como mostra (7) (os exemplos de (7) a (12), excetuando (10), que é nosso foram extraídos do texto citado):

(7)a. Quando **Carlo**<sub>i</sub> ha pichiato **Antonio**<sub>k</sub> Ø<sub>i</sub> / **lui**<sub>k</sub> era ubriaco.  
Quando Carlo bateu no Antonio Ø<sub>i</sub> / **ele**<sub>k</sub> estava bêbado

b. **Mario**<sub>i</sub> si è spaventato dopo che Ø<sub>i</sub> / \***lui**<sub>k</sub> ha visto quel film.  
Maria se assustou quando Ø<sub>i</sub> / \***ele**<sub>k</sub> viu aquele filme

c. Dopo che Ø<sub>i</sub> / \***lui**<sub>i</sub> ha visto quel film, **Mario**<sub>i</sub> si è spaventato.  
Quando Ø<sub>i</sub> / \***ele**<sub>i</sub> viu aquele filme, Mario<sub>i</sub> se assustou

Os exemplos deixam duas propriedades claras: há uma complementaridade entre pronomes nulos e expressos, independentemente de haver c-comando entre os sujeitos, que ocorre em (7b), em que o sujeito da oração matriz precede o da subordinada, e não haver c-comando, como em (7a,c), em que a subordinada precede a matriz. Em outras palavras, um sujeito numa subordinada anteposta não c-comanda o sujeito da principal posposta; isso, porém, não lhe retira o estatuto de Tema – referente esperado – que leva ao sujeito nulo na matriz subsequente.

Da mesma forma, um pronome expresso (como em 7c) e novamente ilustrado em (8) a seguir, não pode preceder seu referente em subordinadas adverbiais antepostas à matriz:

(8) Quando Ø<sub>i</sub> / \***lui**<sub>i</sub> lavora, Gianni<sub>i</sub> non beve.  
Quando Ø<sub>i</sub> / \***ele**<sub>i</sub> trabalha. Gianni<sub>i</sub> não bebe.

Se, no entanto, a subordinada não for uma adverbial, o pronome expresso pode preceder seu antecedente sem causar agramaticalidade:

<sup>6</sup> Tanto Calabrese (1986) quanto Di Eugenio (1990), que será referida ainda nesta seção, utilizam os termos pronomes fracos e fortes, para se referirem a nulos e expressos, respectivamente. Levando em conta estudos posteriores, que viriam a distinguir pronomes nulos, fracos (clíticos) e fortes (cf. CARDINALETTI; STARKE, 1998; KATO, 1999, entre outros) preferimos utilizar aqui apenas pronomes nulos e expressos.

- (9) Le persone che **lui<sub>i</sub>** ha aiutato sono convinte che Gianni<sub>i</sub> è una buona persona.  
As pessoas [que **ele<sub>i</sub>** ajudou] estão convencidas de que Gianni<sub>i</sub> é uma boa pessoa.

Como a oração subordinada relativa é um adjunto do sujeito da oração matriz, não fica claro o que ocorreria se a relativa viesse após uma matriz completa, tendo no sujeito da matriz um Tema, como em (10a), ou (10b), exemplos nossos, em que o sujeito da relativa tem seu correferente numa oração que se encontra em outro período:

- (10) a. Gianni<sub>i</sub> no conosce le persone che Ø<sub>i</sub> / **lui<sub>i</sub>** há aiutato.  
Gianni<sub>i</sub> não conhece as pessoas que Ø<sub>i</sub> / **ele<sub>i</sub>** ajudou.
- b. Gianni mi há dato um libro. Ieri ho trovato il libro que Ø<sub>i</sub> / **lui<sub>i</sub>** mi há dato  
Gianni me deu um livro. Ontem encontrei o livro que Ø<sub>i</sub> / **ele<sub>i</sub>** me deu.

Os exemplos em (10)<sup>7</sup> foram apresentados a nativos, que aceitam tanto o sujeito nulo quanto o expresso, embora prefiram um sujeito nulo, porque “o pronome não é necessário”.

Ainda com base em Calabrese, vemos que o sujeito de uma predicação secundária não é um Tema e, por conseguinte, não é um referente esperado, o que implicará o uso do pronome expresso correferente com o sujeito dessa predicação:

- (11) Mentre il dottore<sub>i</sub> visitava [**Maria<sub>k</sub>** incinta] **pro<sub>i</sub>\*/lei<sub>k</sub>\*/i** canticchiava.  
Enquanto o médico<sub>i</sub> visitava Maria<sub>k</sub> grávida Ø<sub>i</sub>\*/**ela<sub>k</sub>\*/i** cantava

O mesmo fenômeno observado em sentenças subordinadas pode ser visto operando entre sentenças no discurso. A hipótese de Calabrese para explicar tal semelhança é a de que as sequências de enunciados que

<sup>7</sup> Agradeço a Carolina Serra, que faz estágio de pós-doc na Universidade de Lecce, Itália, por testar a aceitabilidade de algumas sentenças com falantes nativos do italiano. Eles aceitam tanto o pronome nulo como o expresso nesses contextos, mas parecem preferir o sujeito nulo. A maior variação entre nulos e expressos nesse contexto é atestada por Marins (2009), seguramente a primeira análise variacionista do italiano falado que conhecemos.

compõem o discurso são sintaticamente irmãs umas das outras, como mostra (12):

- (12) **Carlo**<sub>i</sub> è entrato. **Mario**<sub>k</sub> si è alzato.  $\emptyset_{*i/k}$  ha parlato.  
Carlo<sub>i</sub> entrou. Mario<sub>k</sub> se levantou.  $\emptyset_{*i/k}$  Falou.

Em 1990, Di Eugenio traz contribuições adicionais ao trabalho de Calabrese. Além da distribuição complementar entre pronomes nulos e expressos, sendo aqueles correferentes com um Tema, como ilustramos acima, a autora aponta outros traços que podem levar ao sujeito nulo além de seu referente ser um tema (um sujeito) de uma predicação em sentença matriz ou na encaixada, ou numa sentença adjacente, como em (12) acima. Com base num manuscrito de 1989, *Towards a computational theory of discourse interpretation*, de Grosz, Joshi e Weinstein, referido como Centering Theory, a autora propõe dar conta dos pronomes nulos e expressos no italiano. A Centering Theory “tem a ver com a coerência local: ela tenta determinar a entidade à qual um enunciado está mais diretamente relacionado” (DI EUGENIO, 1990, p. 271). Segundo os autores citados “a coerência discursiva é uma medida da carga de inferência que uma certa sequência de enunciados de um determinado discurso impõe sobre o ouvinte” (DI EUGENIO, 1990, p. 272). Di Eugenio acrescenta que os autores não deixam claro se sua teoria está mais voltada à produção ou à compreensão do discurso; seu ponto de vista, porém, é a teoria da produção do discurso. Seu exemplo reproduzido em (13) (exemplo (4) do original, p. 273), mostra uma sequência de enunciados:

- (13) E1. Maria<sub>i</sub> voleva andare al mare.  
Maria<sub>i</sub> queria ir à praia  
E2.  $\emptyset_i$  Telefonò a Giovanni<sub>k</sub>.  
 $\emptyset_i$  Telefonou para Giovanni<sub>k</sub>.  
E3. a.  $\emptyset_i$  Si arrabiò perche  $\emptyset_i$  non lo<sub>k</sub> trovò a casa.  
 $\emptyset_i$  Se aborreceu porque  $\emptyset_i$  **não** o<sub>k</sub> encontrou em casa.  
b.  $\emptyset_i / ? \emptyset_k$  Si arrabiò perche  $\emptyset_k$  stava dormendo.  
 $\emptyset_i / ? \emptyset_k$  aborreceu porque  $\emptyset_k$  estava dormindo.  
c. **Lui**<sub>k</sub> se arrabiò perche  $\emptyset_k$  stava dormendo.  
**Ele**<sub>k</sub> se aborreceu porque  $\emptyset_k$  estava dormindo.  
d.  $\emptyset_k$  Si é arrabiato perche  $\emptyset_k$  stava dormendo.  
 $\emptyset_k$  Se aborreceu porque  $\emptyset_k$  estava dormindo

O sujeito nulo no enunciado 2 (E2) é identificado pelo Tema, Maria (E1), e em E3a, Maria continua a ser o elemento ranqueado num nível mais alto do ranking referencial, mantendo a continuação de sua centralidade, e a coerência discursiva é perfeita. Em E3b, a interpretação do sujeito nulo da matriz tendo Maria como correferente é mais natural, enquanto o sujeito nulo da subordinada em E3b, por razões pragmáticas, só pode ser Giovanni. Interpretar o sujeito nulo na oração principal, poderia se referir a Giovanni, mas, pelas mesmas razões pragmáticas, tal correferência soaria menos coerente. Em E3c, o falante realiza uma bem sucedida mudança de centralidade, ao usar o pronome expreso para retomar Giovanni, visto que sua posição não era a mais alta no ranking referencial (esse uso do pronome expreso é normalmente nomeado mudança de referência ‘switch reference’). Considerando agora o enunciado em E3d, o sujeito nulo poderia ser interpretado como em E3b, referindo-se a Maria, mas é, ao contrário, interpretado como se referindo a Giovanni, não por questões pragmáticas, mas por uma questão morfológica: no passado composto, em italiano, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, o que impede a correferência com Maria.

Assim, a autora chega a algumas generalizações sobre o italiano: o falante codifica com um sujeito nulo uma continuação de centralidade (nos termos de Calabrese (1986), a manutenção do Tema); uma mudança na centralidade é codificada com um sujeito expreso; entretanto, questões pragmáticas e/ou questões relacionadas a traços morfológicos ou morfossintáticos podem reverter essa generalização, como vimos em E3b e E3d, respectivamente.

Outro exemplo que revela a influência de um traço morfossintático é brilhantemente ilustrado com o uso de clíticos, como nos exemplos em 5, da autora (p. 274), aqui apresentados em (14):

- (14) E1. Maria<sub>i</sub> é arrabiata com Giorgio<sub>k</sub>  
 Maria está com raiva de Giorgio  
 E2. a. Ø<sub>j</sub> non vuole piú parlargli<sub>k</sub>  
 Ø<sub>j</sub> não quer mais falar com ele  
 b. \*Ø<sub>j</sub> non vuole piú parlarle<sub>i</sub>  
 (ela) não quer mais falar com ela  
 c. Ø<sub>k</sub> non le<sub>i</sub> vuole piú parlare  
 (ele) não lhe quer mais falar = não quer mais falar com ela

Enquanto E2a o sujeito nulo é perfeitamente identificado pelo elemento mais alto no ranking de referentes (o elemento central), em E2b, o ouvinte é forçado a interpretar o sujeito como tendo como referente

o clítico no feminino, 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, o que torna a sentença pragmaticamente incoerente.<sup>8</sup> Se, porém, o clítico se move (sobe) para a esquerda do auxiliar modal ‘vuole’ (quer), o ouvinte exclui naturalmente Maria como correferente do sujeito nulo.

Outras predições apresentadas pela autora, ainda acerca do papel de elementos morfossintáticos e de questões pragmáticas, que desviam um sujeito nulo do referente “esperado” podem ser vistas no exemplo 6, na p. 275, aqui citado em (15):

- (15) E1. Luisa<sub>i</sub> há laciato suo marito<sub>k</sub>  
 Luísa deixou seu marido  
 E2.\*Ø<sub>j</sub><sub>i</sub> Ø<sub>k</sub> picchiava i bambini e si ubriacava  
 \*Ø<sub>j</sub><sub>i</sub> Ø<sub>k</sub> batia nas crianças e se embriagava

Na falta de uma pista sintática que licencie o sujeito nulo no enunciado E2, a sua função de explicar por que Luísa abandonou seu marido é que licencia o sujeito nulo.

O que se pode concluir acerca do italiano (e, podemos acrescentar, do espanhol peninsular e do português europeu) é que numa gramática românica [+Sujeito Nulo], muitos fatores, como fatores de natureza morfossintática e pragmática, além do referente esperado no sentido mais estrutural (Tema), apontado por Calabrese (1986), devem ser levados em conta no favorecimento do sujeito nulo. O texto de Di Eugenio, além de apontar todos esses contextos, traz uma informação que é de grande relevância para o sistema pronominal do italiano, além do espanhol e do português europeu: a ausência de pronomes pessoais com o traço [-animado].<sup>9</sup> Em tais casos, são usados os demonstrativos *esso/essa* “embora não muito usados no italiano corrente” (DI EUGENIO, 1990, p. 271).

<sup>8</sup> A presença de outros elementos no contexto discursivo, como o clítico aqui apontado, já era citada por Fernandes Soriano (1989) como favorecedores do sujeito nulo no espanhol peninsular, que tornaria o enunciado “mais natural”, sendo um pronome expresso considerado um pronome forte (i. e. com valor de foco):

(i) É necessario che Ø<sub>i</sub> ti<sub>i</sub> vesta bene.  
 É necessário que Ø<sub>i</sub> te vistas bem.

<sup>9</sup> A ausência de pronomes pessoais no espanhol peninsular e sulamericano é constatada. Quanto ao português europeu, análises empíricas recentes revelam um índice muito baixo de pronomes pessoais com o traço [-animado], como mostraremos neste artigo. Em algumas variedades do espanhol caribenho, entretanto, temos evidências de pronomes pessoais com esse traço, entre outras mudanças envolvendo o Parâmetro do Sujeito Nulo (MARTINEZ-SANZ, 2011).

Di Eugenio termina seu texto mencionando um tipo de sujeito que tem como referente um segmento maior do discurso e sobre o qual sua teoria da centralidade não tem muito a dizer. Ela acrescenta que tais sujeitos, retomados por um demonstrativo ou nulos no italiano, mereceriam a atenção de uma teoria sobre a coerência discursiva. Na verdade, Halliday e Hasan (1979), bem antes do texto de Di Eugenio, trataram desses sujeitos, exatamente em seu livro *Cohesion in English*, nomeando-os como ‘extended reference subjects’, traduzido em português por Paredes Silva (1985), como ‘sujeitos de referência estendida’, justamente para mostrar o uso do verbo *ser* e do demonstrativo em variação com um sujeito nulo em função coesiva no português. Esse sujeito, claramente um sujeito neutro ou proposicional, viria a ser incluído por Cyrino, Duarte e Kato (2000) numa hierarquia de referencialidade, que é altamente relevante para a pronominalização. Utilizando as análises diacrônicas de Cyrino (1993) para o objeto nulo e de Duarte (1993) para o sujeito pronominal, as autoras mostram que o percurso da implementação do sujeito pronominal expresso e o do objeto nulo seguem caminhos opostos segundo a hierarquia proposta: sujeitos com o traço inerentemente [+ani], como os de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup> pessoas, se tornam mais rapidamente plenos, seguidos dos de 3<sup>a</sup> pessoa, quando há a interação de traços [+/-ani], sendo ainda mais resistentes quando seu antecedente é um sujeito neutro (ou proposicional, ou, como foram inicialmente nomeados pelos funcionalistas clássicos, de “referência estendida”. O percurso do objeto nulo segue caminho oposto, começando a se implementar pelo de menor referencialidade, o objeto proposicional.<sup>10</sup>

Concluindo esta seção, é importante destacar que o estabelecimento dos grupos de fatores para uma análise da expressão do sujeito pronominal deve contemplar uma grande variedade de propriedades para chegar a uma explicação para a remarcação do valor positivo ou negativo de um parâmetro. Esses grupos de fatores foram sendo construídos a partir da redução do paradigma flexional no PB, com a inserção de **você** e **a gente** no quadro pronominal (DUARTE, 1993). Os padrões estruturais, construídos inicialmente a partir de Calabrese (1986) por Duarte (1993;

---

<sup>10</sup> Além dos trabalhos pioneiros de Paredes Silva (1985); Paredes Silva e Oliveira (2014), temos as análises diacrônicas numa perspectiva socioparamétrica de Duarte, Mourão e Santos (2012) para peças brasileiras e Guimarães (2021) para uma comparação entre a retomada dos sujeitos neutros em peças brasileiras e portuguesas.



1995) ficaram aquém do refinamento necessário, sem reunir num mesmo grupo todos os padrões ilustrados nesta seção. Evoluíram em Barbosa, Duarte e Kato (2005) e progrediram um pouco mais em Duarte e Rezende dos Reis (2018) e Duarte (2019b), quando a distinção entre c-comando e falta de c-comando foi incorporada. O desenvolvimento de um paradigma pronominal contendo pronomes fracos em substituição à flexão, já apontado nos dados de Duarte (1995), vem encontrar em Kato (1999) uma formalização indispensável à explicação de um subproduto da mudança. Outro efeito colateral da mudança apontado em Duarte (1995) é o surgimento do redobro do sujeito, ou sujeitos deslocados à esquerda e retomados por um pronome fraco, intimamente ligados à emergência o referido paradigma, estruturas não atestadas nas línguas [+Sujeito Nulo] do grupo românico.<sup>11</sup> Temos, então os desdobramentos de uma mudança mais profunda na categoria funcional flexão. Falta, porém, diante dos fatores aqui apresentados a partir de Di Eugenio, acrescentar fatores de natureza morfossintática nos grupos de análise empírica. É fato que o PB tem um quadro de clíticos muito pobre, tendo restado à aquisição, um paradigma com os pronomes dêiticos (a primeira e a segunda pessoas). Os anafóricos, acusativo e dativo, e o clítico indefinido, estão em extinção e são parcialmente recuperados pela escrita (cf. DUARTE *et al.* 2021). Não temos uma morfologia verbal rica, seja pelo predomínio de formas de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, seja pela ausência de marcas de gênero e número em formas complexas com o particípio (excetuando as passivas perifrásticas), o que pode estar entre os fatores que atuam na perda do sujeito nulo referencial.

A presença de outros elementos no contexto discursivo, capazes de permitir sua identificação, torna o sujeito nulo “mais natural”, como já apontava Fernandes Soriano (1989, p. 233) para o espanhol:

- (16) *É necesario che Øti vesta bene.*  
*É necessário que Ø<sub>i</sub> te vistas bem.*

Considerando que todos os sujeitos referenciais nulos nos exemplos mostrados nesta seção podem ser expressos no português brasileiro, excetuando os casos de mudança de referência ou a interferência

<sup>11</sup> Devemos a Pontes (1985) o fato de ter apontado esta como uma das mais frequentes estruturas de tópico marcado no PB e sua relação com a proeminência do tópico no português do Brasil.

de fatores morfossintáticos, podemos concluir que, embora os sujeitos nulos ainda sejam atestados no PB, eles se encontram em variação com os expressos, que já levam vantagem em praticamente todos os contextos estruturais levantados, um panorama esperado num processo de variação em uma mudança no tempo aparente ou real. Observando os exemplos do francês, língua [-Sujeito Nulo], podemos perceber que nenhuma dessas sentenças teria necessariamente um sujeito nulo no PB; todas são gramaticais com um sujeito expresso no PB, obrigatório no francês:

- (17) a. **Je** parle bien le français.  
Eu falo bem o francês.  
b. **Tu** parles bien le français.  
Tu falas/Você fala bem o francês.  
c. **Vous** parlez bien le français. (tratamento cerimonioso ou 2pp)  
O senhor/A senhora fala bem o francês.  
Vocês falam bem o francês.
- (18) a. **Il** / **Elle** parle bien le français (3ª ps)<sup>12</sup>  
Ele/Ela fala bem o francês.  
b. **Ils** / **Elles** parlent bien le français. (3ª pp)  
Eles/elas falam bem o francês.
- (19) a. **Jean**<sub>i</sub> a dit qu'**il**<sub>i</sub> parle bien le français.  
O João<sub>i</sub> disse que ele<sub>i/k</sub> fala bem o francês.  
b. **[Les enfants]**<sub>i</sub> ont dit q'**ils**<sub>i</sub> parlent bien le français  
As crianças<sub>i</sub> disseram que elas<sub>i/k</sub> falam bem o francês.
- (20) a. Lorsque **Pierre**<sub>i</sub> a frappé **Antoine**<sub>k</sub>, **il**<sub>i</sub> était saoul.  
Quando o Pedro<sub>i</sub> bateu no Antônio<sub>k</sub> ele<sub>i/k</sub> estava bêbado.
- (21) a. J'ai lu [**le livre**]<sub>i</sub>. **Il**<sub>i</sub> est très intéressant.  
Eu li o livro<sub>i</sub>. Ele<sub>i</sub> é muito interessante.

<sup>12</sup> Naturalmente, os sujeitos de 3ª pessoa têm necessariamente um antecedente no contexto discursivo ou são pragmaticamente identificados. Não existem sujeitos nulos de 3ª pessoa "out of the blue" (FRASCARELLI, 2007).

- b. [La Maison]<sub>i</sub> a efondré parce qu' elle<sub>i</sub> était très vieille.  
A casa<sub>i</sub> desabou porque ela<sub>i</sub> era muito velha.

Feita uma minuciosa descrição do comportamento de uma língua de sujeito nulo prototípica, como é o italiano, e o de uma língua do mesmo grupo mas que passou de mais para menos sujeito nulo, como o francês, passemos aos resultados de uma análise variacionista da mudança em curso no PB. Embora o PB ainda exiba sujeitos nulos em todos os contextos acima ilustrados em variação com sujeitos expressos, eles são cada vez mais raros, como mostraremos a seguir. Os dados nos dizem que preferimos pronomes plenos para representar nossos sujeitos referenciais e nos apontam os contextos mais resistentes aos sujeitos nulos e os que mais rapidamente cedem à implementação da mudança.

#### 4 Aplicando o modelo da TVM para estudar sintaxe comparativa à luz da TP&P

Os resultados de uma análise recente de amostras do português europeu e brasileiro disponíveis no site [www.comparaport.lettras.ufrj.br](http://www.comparaport.lettras.ufrj.br), gravadas no Rio de Janeiro e em Lisboa entre 2009 e 2010<sup>13</sup>, são reveladores da importância da associação da TVM com a Teoria de P&P para uma análise de sintaxe comparativa e para acompanhar uma evidente remarcação em curso no valor do PSN no PB.

Esses resultados, publicados em Duarte (2019b; 2020), levantaram grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Tomando os resultados para os sujeitos nulos de 3ª pessoa<sup>14</sup>, 67% para o PE e 28% para o PB, obtivemos na análise logística com o Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) a seleção dos mesmos grupos de fatores como significantes para o sujeito nulo, na mesma ordem: o padrão sentencial, os feixes de traços semânticos e a estrutura do CP (Sintagma Complementizador). Isso, entretanto, não significa

<sup>13</sup> VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. CORPORAPORT: Variedades do Português em análise. Disponível em: [www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br).

<sup>14</sup> A 1ª pessoa exibiu na amostra do PE 57% de sujeitos nulos e 70% na 2ª pessoa; o PB, por outro lado, mostra 20% e 10%, respectivamente. Neste, a segunda pessoa pode ser considerada um caso de mudança concluída, sendo os raros sujeitos nulos identificados pragmaticamente, tal como os nulos encontrados no inglês (“*Quer um café? Want some coffee?*”).

comportamento igual, mas mostra a força relativa de certos fatores em relação a outros dentro de um mesmo grupo, de extrema importância para acompanhar uma gramática em mudança. Os fatores sociais não foram considerados significativos.

Vejam na Tabela 1, os resultados para o primeiro grupo de fatores selecionados, que serão comentados com exemplos retirados das amostras. Os padrões reúnem, até certo ponto, os apontados por Calabrese e Di Eugenio na seção anterior.

Tabela 1 - Sujeito de 3ª pessoa vs padrão sentencial (valor de aplicação: sujeito nulo)

PADRÃO	PE Input: 0,756			PB Input: 0,248		
	N / T	%	P. R.	N / T	%	P. R.
1 (com c-comando)	78/83	94%	<b>0,930</b>	19/46	41%	<b>0,765</b>
1 (sem c-comando)	13/14	93%	<b>0,854</b>	15/116	11,5%	0,197
2 (adjacente)	402/515	78%	<b>0,588</b>	225/586	38%	<b>0,646</b>
3 (outra função)	77/153	50%	0,274	37/175	21%	0,428
4 (distante)	66/183	36%	0,183	35/241	14,5%	0,330
	<b>range</b>		<b>0,747</b>	<b>range</b>		<b>0,435</b>
Log likelihood = -44,136 Significance = 0,000			Log likelihood = -624,928 Significance = 0,000			

Fonte: Duarte (2019b, Tabela 2, p. 109-110)

O *input* já revela a alta frequência do sujeito nulo no PE em relação ao PB. Na coluna à esquerda se encontram os padrões com e sem c-comando, que já nos revelam uma diferença crucial entre as duas variedades: no PE, a presença do referente na principal anteposta, c-comando, portanto, o sujeito da subordinada posposta, ou na subordinada anteposta, sem relação de c-comando com o sujeito da principal posposta, favorecem amplamente o sujeito nulo, com percentuais de 94% e 93%, confirmando o estatuto de LSN “consistente”, nos termos de Roberts & Holmberg (2010). O único dado com um sujeito expresso em estrutura sem c-comando (24c) parece ser um dado em que temos um sujeito preenchido por questões discursivas, como comentado na seção anterior. No PB, por outro lado, vemos dois resultados importantes. O padrão com c-comando, com 41% de sujeitos nulos, se revela como o fator de

resistência, embora já esteja abaixo da metade das ocorrências, enquanto a falta de c-comando nos mostra o sujeito nulo praticamente extinto, sendo o contexto mais favorável à perda do sujeito nulo, uma questão que nada tem a ver com contiguidade, mas com a acessibilidade sintática. Este é um fator crucial no PB no curso da mudança em direção a um sistema [-Sujeito Nulo]. Os exemplos a seguir ilustram os dois padrões, com sujeitos nulos e expressos para cada variedade. Em (22) e (23) temos as estruturas com c-comando e em (24) e (25), sem c-comando:

- (22) a. [*O pobre*]<sub>i</sub> continua com essa mentalidade porque  $\emptyset_i$  só pensa nele. (PE) (o pobre = o pobre coitado)  
 b. [*O meu filho*]<sub>i</sub> vai ter de sair dessa escola porque *ele<sub>i</sub>* tá no nono ano. (PE)<sup>15</sup>
- (23) a. [*Meu marido*]<sub>i</sub> foi quase preso aí no forte porque  $\emptyset_i$  foi mergulhar. (PB)  
 b. [*Escola pública*]<sub>i</sub> nunca é boa opção porque *elas<sub>i</sub>* são ruins. (PB)
- (24) a. Quando [*as pessoas*]<sub>i</sub> sentem essa união do Espírito Santo,  $\emptyset_i$  tornam-se mais alegres mais participativas. (PE)  
 b. Se  $\emptyset_i$  arranjava um namorado ou  $\emptyset_k$  ia com *ela<sub>i</sub>* para ali ou para acolá, *ela<sub>i</sub>* não tinha problemas. (PE)
- (25) a. Se [*o aluno*]<sub>i</sub> tem problema,  $\emptyset_i$  vem pra gente conversar. (PB)  
 b. Se *ele<sub>i</sub>* tem medo, alguma coisa *ele<sub>i</sub>* fez. (PB)

O padrão seguinte, em que temos um sujeito com seu antecedente em oração mediatamente adjacente, é o mesmo padrão a que Calabrese se refere como orações sintaticamente irmãs umas das outras, como

<sup>15</sup> Apenas cinco dados com este padrão (6%) exibiam um sujeito expresso no PE. Podemos pensar que se trate de algum tipo de ênfase / contraste. Neste caso, o falante tem dois filhos e pode querer enfatizar que “um” (e não o outro) está no nono ano. Agradecemos ao parecerista que chamou a atenção para essa aparente inconsistência em relação ao nulo em tal contexto. Entretanto, o nulo praticamente categórico afasta o PE do PB, em que os sujeitos expressos alcançam 59%.

mostramos no exemplo em (12)<sup>16</sup>. É, como esperado, um contexto que vai atuar nas LSN como favorecedor do sujeito nulo. E é o que vemos para o PE, que exhibe 78% de sujeitos nulos, enquanto o PB alcança 38%, como podemos ver a seguir em (26) e (27):

- (26) a. [*O dono*]<sub>i</sub> é um amigo meu. Ø<sub>i</sub> Tem tido problemas. (PE)  
 b. [*A minha mãe*]<sub>i</sub> estava em casa e era completamente diferente.  
*Ela*<sub>i</sub> conseguia perceber quando eu estudava, quando eu não estudava. (PE)
- (27) a. *Ele*<sub>i</sub> era bem mais novinho. Ø<sub>i</sub> Trouxe o dinheiro no bolso.  
 (PB)  
 b. [*César Maia*]<sub>i</sub> era mais tranquilo. *Ele*<sub>i</sub> investia mais. (PB)

Os percentuais de sujeitos nulos caem à medida que o antecedente é menos acessível, com orações intervenientes ou estando em outra função sintática e sem elementos gramaticais ou discursivos que licenciem o sujeito nulo. Ainda assim, o PE licencia 50% de sujeitos nulos, enquanto o PB alcança apenas 21%:

- (28) a. O meu marido comenta muitas vezes comigo que eles não tinham respeito. Ø<sub>3pp</sub> Tinham medo d[*o pai*]<sub>i</sub> porque Ø<sub>i</sub> batia-lhes.  
 (PE)  
 b. Se eu (me) pudesse pôr de pé e ir lá, porque eu nunca *o*<sub>i</sub> tinha visto quando *ele*<sub>i</sub> cá veio. (= o Papa João Paulo II) (PE)

<sup>16</sup> Note-se que não se trata de coordenadas com sujeitos correferentes. São orações separadas por uma curva entonacional descendente, que não caracteriza a coordenação. Neste padrão, encontramos ainda estruturas como:

(i) Eu não acho que [*os portugueses*]<sub>i</sub> sejam muito pessimistas; acho [que Ø<sub>i</sub> são pouco ambiciosos, não é?] (PE)

O sujeito aparece numa encaixada com o verbo *ser*, mas o verbo da matriz é um verbo epistêmico, e, em geral não obscurece a vinculação do sujeito com seu antecedente. O PB, entretanto, perde sujeitos nulos mesmo nessas estruturas. (Agradeço a Marcello Modesto por ter chamado nossa atenção para tal padrão.)

- (29) a. Porque eu preciso ter a minha linguagem formal com [meu *cliente*]<sub>i</sub>. De repente,  $\emptyset_i$  é um cara que tem uma condição, ou um cara que usa daquele jeito. (PB)  
 b. Eu não posso ter sentado do lado de [*um cara bonitinho*]<sub>i</sub> e tal sem saber que *ele*<sub>i</sub> era superperigoso. (PB)

Finalmente, vemos estruturas em que o referente está distante e há elementos intervenientes que podem interferir na interpretação de uma categoria vazia. Em tais casos, por razões funcionais (ou de coerência discursiva, como se refere Di Eugenio), temos os mais baixos percentuais de sujeitos nulos no PE, com 36% (31a) e no PB, com 14,5%, com o sujeito expresso amplamente preferido (31b):

- (31) a. Pronto, havia [*amigos meus*]<sub>i</sub>, até colegas de escola, que jogavam à bola berlinde na rua. Eu não podia porque o meu pai não deixava, e pronto. Tinha muitas vezes  $\emptyset_{ips}$  estava à janela,  $\emptyset_i$  chamavam, mas eu não podia. (PE)  
 b. [*O meu filho*]<sub>i</sub> tava chegando em casa - que nós trabalhamos com festa, como eu te falei, né - e *ele*<sub>i</sub> tinha ido comprar bolas. *Aí, não tinha as bolas que nós queríamos.* *Ele*<sub>i</sub> trouxe o dinheiro de volta. (PB)

Observando os pesos relativos para os fatores em cada variedade, vemos que eles são reveladores da significância dos fatores em cada grupo. No PE vemos uma hierarquia descendente, que mostra os pesos mais altos para os fatores mais favorecedores ao sujeito nulo, chegando aos mais baixos no seu desfavorecimento. A distância entre o mais alto e o mais baixo (*range*) é de 0,747, uma manifestação da força dos três primeiros fatores em relação aos dois últimos. No que diz respeito ao PB, o que vemos é uma distância menor (0,435) e uma perda da hierarquia, que coloca em dois extremos as estruturas com c-comando e com o antecedente adjacente, de um lado e, no extremo oposto, nesta ordem, a função diferente do antecedente, o referente distante e a ausência de c-comando. Os pesos relativos muito mais baixos e a menor distância entre eles revela um processo de perda do princípio “Evite Pronome” (CHOMSKY, 1981). O exame da distribuição dos sujeitos nulos no PB não nos permite incluir essa variedade entre as línguas de sujeito nulo “parcial”. Se os percentuais de nulos de 3ª pessoa em encaixadas com c-comando podem dar algum suporte a essa hipótese, ainda temos

sujeitos nulos em todos os padrões, incluindo o padrão com referente em sentença adjacente, o que não ocorre nas LSN parcial. Além disso, o PB ainda exibe sujeitos nulos de 1ª pessoa em todos os padrões (o que não ocorre nas LSN parcial).<sup>17</sup> Quanto à 2ª pessoa, como já dissemos, a mudança parece estar concluída, com os casos atestados serem instâncias de sujeitos pragmaticamente identificados.

Passemos ao segundo grupo selecionado: o feixe de traços semânticos do referente do sujeito. A Tabela 2 exibe esses resultados.

Tabela 2 - Sujeito de 3ª pessoa vs feixe de traços semânticos (valor de aplicação: sujeito nulo)

TRAÇO	PE Input: 0,756			PB Input: 0,248		
	N / T	%	P. R.	N / T	%	P. R.
-ani/-esp	12/12	100%	---	7/12	58%	<b>0,863</b>
-ani/+esp	137/142	96,5%	<b>0,942</b>	73/173	42%	<b>0,692</b>
+ani/-esp	191/246	78%	0,562	62/191	32,5%	0,555
+ani/+esp	308/559	55%	0,307	189/803	23,5%	0,437
	<i>range</i>		<b>0,635</b>	<i>range</i>		<b>0,426</b>
	Log likelihood = -440,725 Significance = 0,000			Loglikelihood = -624,928 Significance = 0,000		

Fonte: Duarte (2019b, Tabela 3, p. 113)

Os resultados para o PE coincidem com o que se disse sobre o italiano na seção precedente – a ausência de pronomes pessoais com o traço [-animado] nas línguas românicas de sujeito nulo. De fato, o sujeito nulo é categórico quando o traço [-ani] interage com o traço [-específico], mas é preciso mencionar que os pronomes pessoais [-ani] não estão ausentes no PE. Houve na amostra cinco ocorrências de pronomes pessoais com esse traço. O exemplo a seguir mostra o SD globalização

<sup>17</sup> Sobre ampla discussão acerca do estatuto de língua de sujeito nulo “parcial” atribuído ao PB e uma comparação minuciosa entre o PB e o finlandês na modalidade oral, remetemos o leitor a Duarte e Marins (2021). Nesse artigo, além de toda a bibliografia relevante à discussão, mostramos que o PB exibe um processo de mudança em curso, não se caracterizando, pois, como um sistema estável, como sugerem os trabalhos ali citados sobre o finlandês. Os nulos de 1ª pessoa ali citados são da modalidade escrita, que, como sabemos, é conservadora.



retomado por um sujeito nulo e por um pronome expresso. Pode-se pensar em ênfase, mas, de todo modo, este não é um comportamento de língua românica de sujeito nulo:

(32) Portanto, [*a globalização*]<sub>i</sub> existe. Ø<sub>i</sub> Já é uma realidade. A própria tecnologia faz com que *ela*<sub>i</sub> exista. (PE)

Em relação aos sujeitos com os traços [+ani/-esp] e [+ani/+esp], encontramos índices de pronomes expressos, que alcançam 78% e 55%, respectivamente, sempre ligados aos padrões sentenciais:

- (33) a. Quando [*as crianças*]<sub>i</sub> muitas vezes são deixadas sem orientação, sem pelo menos umas linhas gerais de orientação, Ø<sub>i</sub> acabam por escolher caminhos que não são os mais correctos. (PE) (qualquer criança)  
 b. Eu costumo dizer: quando há [*uma criança*]<sub>i</sub>, alguém tem de ser o pai. *Ela*<sub>i</sub> não saiu por obra e graça do espírito santo. (PE) (uma criança específica, um filho)

Quanto ao PB, a tabela nos mostra que o sujeito nulo, como esperado, é mais resistente com o traço [-ani], mas é evidente que o PB já desenvolveu um paradigma de pronomes fracos (KATO, 1999) com o traço [-ani] e exibe 58% de sujeitos nulos se combinado com o traço [-esp] e 42% com o traço [+esp], como ilustram (34) e (35), respectivamente:

- (34) a. É como eu falei: *emprego*<sub>i</sub>, eu acho que Ø<sub>i</sub> ia melhorar. (PB)  
 b. [*Escola pública*]<sub>i</sub> nunca é boa opção porque *elas*<sub>i</sub> são ruins. (PB)

- (35) a. [*O sistema público*]<sub>i</sub> é totalmente diferente de empresas privadas. Ø<sub>i</sub> não funciona da mesma maneira. (PB)  
 b. Eu acho que [*essa área de programação visual*]<sub>i</sub> *ela*<sub>i</sub> é um pouco mais difícil. (PB)

A implementação dos pronomes expressos com o traço [+ani] segue sem restrições, com apenas 32,5% e 23,5% de pronomes nulos se a interação ocorre com o traço [-esp] e [+esp], respectivamente:

(36) b. [*A criança*]<sub>i</sub> acaba abandonando as escolas.  $\emptyset_i$  Perde o interesse. (PB)

a. Acredito que [*a pessoa*]<sub>i</sub> tem um talento, tem uma facilidade pra certa coisa e, a partir do momento que *ela*<sub>i</sub> desenvolve aquilo, *ela*<sub>i</sub> vai ser sensacional.(PB)

(37) a. [*Meu filho*]<sub>i</sub> nunca falou um palavrão perto de mim.  $\emptyset_i$  Nunca me respondeu. (PB)

b. [*Minha mãe*]<sub>i</sub> sempre foi professora. **Ela**<sub>i</sub> foi diretora de uma escola do Estado há vinte e cinco anos. (PB)

Os pesos relativos na Tabela 2 revelam a verdadeira força interna entre os fatores, opondo o traço [-ani] ao traço [+ani] no que diz respeito ao PE; em relação ao PB, vemos uma hierarquia que começa com os traços [-ani/-esp], com 0,863, a uma distância significativa dos traços [-ani/+esp] 0,692<sup>18</sup>, opondo-se às combinações que interagem com o traço [+ani]. A animacidade, então, se sobrepõe à especificidade, que atua ainda assim no curso da implementação dos pronomes pessoais no PB. A distância entre o peso mais alto e o mais baixo (*range*) é maior no PE, reafirmando a atuação do traço semântico no uso de pronomes pessoais nas LSNs “consistentes”.

O terceiro grupo selecionado é a estrutura do Sintagma Complementizador (CP), o que indica que, mais do que a função sintática da oração, o que importa é a ausência de elemento em CP, a presença de um núcleo (um complementizador – ou conjunção) ou um elemento na posição de especificador, um pronome relativo ou interrogativo. A Tabela 3 mostra a relevância desse grupo.

<sup>18</sup> Segundo Naro (2003), no modelo logístico, uma distância superior a 0,100 entre dois fatores pode ser considerada relevante. Quanto maior a distância, maior a significância.

Tabela 3 - Sujeito de 3ª pessoa vs a estrutura do Sintagma Complementizador (CP) (valor de aplicação: sujeito nulo)

CP	PE Input: 0,757			PB Input: 0,248		
	N / T	%	P. R.	N / T	%	P. R.
Nenhum elemento	438/632	69%	<b>0,578</b>	252/901	28%	<b>0,517</b>
Elemento em C'	161/238	68%	<b>0,422</b>	74/217	34%	<b>0,561</b>
Elem. no espec. do CP	40/81	49%	0,179	05/61	08%	0,130
	<i>range</i>		<b>0,399</b>	<i>range</i>		<b>0,426</b>
Log likelihood = -440,725 Significance = 0,000			Loglikelihood = -624,928 Significance = 0,000			

Fonte: Duarte (2020, Tabela 4, p. 16)

Este grupo confirma não apenas o papel da função sintática da oração, mas também a importância da estrutura do Sintagma Complementizador (CP), que pode não conter qualquer elemento numa oração inicial (seja ela uma oração independente, a primeira de uma sequência de coordenadas ou uma matriz). Em tais casos, a oração pode trazer o CP vazio ou um pronome interrogativo. Sendo uma encaixada desenvolvida, pode conter um complementizador no núcleo do CP ou um pronome interrogativo ou relativo na posição de especificador do CP. A Tabela 3 ainda revela, nos percentuais e nos pesos relativos, que, para o PE, a ausência de elemento ou a presença de um complementizador favorece o sujeito nulo, em oposição à presença de um interrogativo ou relativo encabeçando a oração, como ilustram os exemplos a seguir, com um sujeito nulo numa oração introduzida pelo relativo e numa interrogativa indireta, introduzida por um advérbio interrogativo:

- (38) a. E ele<sub>i</sub>, passada a crise, pagou tudo aquilo que Ø<sub>i</sub> não tinha pago durante aqueles três anos. (PE)  
 b. Daisy<sub>i</sub> é amorosa. Ø<sub>2ps</sub> Não vês como ela<sub>i</sub> está? (PE)

A julgar pelo exemplo (9) de Calabrese na Seção 2 e pela avaliação dos nativos (cf. nota 5), os pronomes relativos não são fortes condicionadores do sujeito nulo nas línguas como o italiano. Isso pode se dever ao fato de terem uma função sintática, que pode, em certos casos, comprometer a interpretação de um sujeito nulo adjacente.

Quanto ao PB, não surpreende que este seja o contexto mais desfavorável ao sujeito nulo. Enquanto as orações introduzidas por um complementizador lideram o percentual de nulos com parcos 34%, seguidas pelos contextos sem qualquer elemento em CP, com 28%, as orações com um especificador alcançam apenas 8%, um resultado que coincide com o quase desaparecimento do sujeito nulo em interrogativas-Q diretas, tanto na 2ª quanto na 3ª pessoa (DUARTE, 1992; NICOLAU DE PAULA, 2016, entre outros). Na amostra analisada, são apenas cinco os casos de sujeitos nulos, como ilustrado em (39):

- (39) a. Ele<sub>i</sub> adorava fazer tudo o que Ø<sub>i</sub> não devia [fazer]. (PB)  
 b. Adoro [meus filhos]<sub>i</sub>. Curto brincar com eles<sub>i</sub>. Curto sair com eles<sub>i</sub>. É claro que eles<sub>i</sub> já tão chegando numa certa idade que eles<sub>i</sub> já tão independents. (PB)

De todo modo, os percentuais e pesos relativos reforçam os mesmos efeitos atuando em sistemas com marcações diferentes para o valor do PSN. E, mais importante, permitem ver o efeito de alguns fatores sobre outros, já mostrando uma mudança perto da conclusão no PB.

## 5 Algumas evidências do “encaixamento” da mudança no PB

Entre os subprodutos que essa perspectiva sintática comparativa nos permite identificar, respondendo à questão do “encaixamento” da mudança, estão os sujeitos indeterminados, quer de referência arbitrária, quer de referência genérica, preferencialmente realizados por pronomes pessoais plenos. Com a quase extinção do clítico *se*, para expressar ambas as referências, a que exclui o falante e a que pode ou não incluí-lo, respectivamente, ganham força, no primeiro caso, o uso do pronome *eles* (ainda em competição com o uso da 3ª p.p com o sujeito nulo), e, no segundo, o uso de *você* (ou *tu*, a depender de fatores diatópicos). Em (40), ilustramos as duas mais frequentes estratégias de indeterminação (arbitrária e genérica), com base em Duarte e Marins (2021), onde aparecem os resultados obtidos para a mesma amostra analisada na seção anterior, com 91,3% e 93,1%, respectivamente:

- (40) a. Agora que *eles*<sub>arb</sub> ‘tão arrumando tudo...é muito difícil,  
 b. Se *você*<sub>gen</sub> não tiver um sonho, *tu*<sub>gen</sub> não é nada.

Na referida análise, são apresentados, igualmente, os resultados para o sujeito nulo arbitrário (41a) e o genérico (41b,c) com o verbo na 3ª pessoa do singular, que alcançam, respectivamente 4,6% e 3,7%, ilustrados em (41):

- (41) a. Olha, na televisão Ø<sub>arb</sub> fala muito isso, né?  
 b. Ø<sub>gen</sub> tá precisando de políticos mais sérios.  
 c. Pra beber, Ø<sub>gen</sub> tem que ter noção!

Os agonizantes clíticos para cada referência alcançam 4,1% e 3,2% e são atestados na fala dos brasileiros mais velhos.

A existência do nulo genérico é o outro argumento usado para incluir o PB entre as LSN “parcial” (ROBERTS; HOLMBERG, 2010). Entretanto, nessas línguas, e aqui citamos o finlandês, o nulo genérico não pode ocorrer em primeira posição, o que é evitado com o uso do expletivo *sita*. Assim, acreditamos que o PB não exhibe contextos específicos e restritos para a ocorrência do sujeito nulo, referencial e genérico, o que torna bem complexa a sua inclusão entre as LSN “parcial”. Para Galves (1987) uma boa explicação para a possibilidade de atribuir uma interpretação genérica (e arbitrária, acrescentamos) para esse sujeito nulo de 3ª pessoa do singular seria justamente a impossibilidade de identificar um sujeito nulo referencial de 3ª pessoa.

Um outro fenômeno atestado na amostra utilizada até aqui para ilustrar as mudanças relacionadas à remarcação do valor do PSN e já atestado em Duarte (1995) é a ocorrência irrestrita de redobro do sujeito (ou sujeitos deslocados à esquerda, apontados por Pontes (1985) entre as construções de tópico marcado mais frequentes no PB, e uma sugestão de que estamos diante de uma língua com proeminência de tópico (LI; THOMPSON, 1976). Essas construções estão ausentes nas LSN do grupo “consistente” (DURANTI; OCHS, 1979), mas presentes no francês (AVANZI, 2011; BARNES, 1986). Trata-se claramente de evidência de um subproduto da mudança. Não há restrições quanto ao estatuto semântico [+ani/-ani], informacional [novo/dado], à definitude [+esp/-esp], podendo o elemento ser inclusive quantificado; da mesma forma, na prosódia, a pausa ou sua ausência não restringem o fenômeno. Alguns exemplos de redobro do sujeito na amostra seguem em (42):

- (42) a. Aí, [  *muitas dessas pessoas* ], *elas*<sub>i</sub> estudavam artes cênicas.  
 b. [ *O teatro* ], *ele* até deu uma encarecida.  
 c. Eu acho [ *que essa área de programação visual* ], *ela*<sub>i</sub> é um pouco mais difícil.

Tendo em conta a perspectiva paramétrica que orienta a pesquisa, seria de esperar consequências nas sentenças impessoais. Vejamos então alguns outros efeitos da mudança. O PB não desenvolveu um expletivo lexical, um fenômeno que ocorreu no passado na evolução do francês médio, com o surgimento do expletivo lexical *il* (ROBERTS, 1993; VANCE, 1989), e vem ocorrendo no presente numa variedade do espanhol dominicano (TORIBIO, 1996), com o surgimento de *ello* expletivo, uma mudança de baixo para cima e ainda muito estigmatizada (*ello llueve*). Esse desenvolvimento de um expletivo lexical não é casual, nem no francês nem no espanhol dominicano. É, na verdade, uma consequência da redução do paradigma flexional, que acabou por desencadear a realização plena dos sujeitos referenciais. A consequência foi a emergência do expletivo lexical, um comportamento que, de certa forma, segue o comportamento de uma gramática do grupo das línguas românicas que perderam o sujeito nulo.

E por que o mesmo não teria ocorrido no PB? É aqui que entra a já anunciada orientação para o discurso ou a proeminência de tópico, apontada por Pontes (1985) e já referida neste artigo. Segundo Li e Thomson (1976), línguas com a orientação para o discurso **não têm expletivos lexicais**, ou seja, não há, em línguas como o japonês e o chinês, um elemento foneticamente realizado sem conteúdo semântico. Não queremos dizer que o PB estaria no grupo das línguas de sujeito nulo “radical”, como o japonês e o chinês; desde Pontes (1985), temos observado que o PB tem proeminência de sujeito e de tópico. Entretanto, a mudança pela qual passou o francês no passado, que acabou por desenvolver um expletivo lexical “*il*” (ROBERTS, 1993) e a que ocorre no presente, com uma variedade do espanhol dominicano, que desenvolveu o expletivo “*ello*” (VANCE, 1989), constituem evidência suficiente para explicar a manutenção dos expletivos nulos no PB: sua parcial orientação para o discurso. E é assim que podemos entender as estratégias que o sistema desenvolve para evitar expletivos nulos, lançando mão exatamente de elementos referenciais na posição estrutural do sujeito.

Podemos citar, entre muitas outras estratégias a substituição de **haver** por **ter** existencial no PB (e não no PE). Essa substituição, que mantém além de sentenças impessoais, permite igualmente sentenças com **ter** pessoal, conservando o sentido existencial. É o que mostram Marins (2013) e Duarte e Marins (2021), entre muitos trabalhos que precederam essa investigação, apontando, na amostra aqui analisada, entre 1334 ocorrências, 7% de **haver** versus 93% de **ter**, incluindo sentenças impessoais (43b) e pessoais (43c,d):

- (43) a. Eu acho que  $\emptyset_{\text{expl}}$  **houve** uma inversão de valores  
 b.  $\emptyset_{\text{expl}}$  **Tinha** esses bares aqui.  
 c. **Você tem** ônibus pro shopping, né?  
 d. Porque elas são motos importada(s). E **ela não tem** peça nenhuma dela aqui.

Além da análise de Marins sobre as sentenças existenciais, temos, também, com base em *corpus* que utilizou *sites* de reclamação na internet, a análise de Duarte e Fernandes (2016), que pôde computar as três formas variantes em construções com verbos inacusativos apresentando o argumento interno que contém um genitivo, como ilustramos a seguir com o mesmo exemplo. Ele ilustra uma construção com um expletivo nulo em (44a), a anteposição do argumento interno sujeito em (44b) e o alçamento do argumento do genitivo em (44c):

- (44) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  rachou [a tela do meu celular]  
 b. [A tela do meu celular]<sub>i</sub> rachou [ t ]<sub>i</sub>  
 c. Meu celular rachou [a tela t<sub>i</sub>]

Os resultados apontaram ampla preferência pelo alçamento do genitivo em (c), mais uma construção que chamou a atenção de Pontes (1985), que a nomeou “tópico-sujeito”. Enquanto as estruturas com o expletivo nulo exibiram 4% e a anteposição do DP sujeito, em b, 38%, o alçamento do genitivo chegou a 58%. A que se pode atribuir a preferência por c em relação a b? A preferência pela anteposição do genitivo “o celular” sugere que ele tem maior proeminência do que “a tela do meu celular”.

Atestamos ainda expletivos nulos em sentenças com verbos climáticos competindo com o alçamento de adjuntos e construções pessoais, como exemplificamos em (45) e (46), com exemplos retirados

de escrita de redações escolares, de fala espontânea e de comentários na mídia (os exemplos atestados estão em c; os demais foram construídos):

- (45) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Chove muito nessas florestas  
 b. Nessas florestas  $\emptyset_{\text{expl}}$  chove muito  
 c. Essas florestas chovem muito
- (46) a. Os pombos da Cinelândia somem quando  $\emptyset_{\text{expl}}$  chove na cidade!  
 b. Os pombos da Cinelândia somem quando na cidade  $\emptyset_{\text{expl}}$  chove!  
 c. Os pombos da Cinelândia somem quando **a cidade** chove!

São muitos os casos de alçamento ou inserção de constituintes (como “isso”, “aquilo”, entre outros, que não ilustramos aqui) que permitem evitar um expletivo nulo. Uma pesquisa capaz de fornecer evidências para essa competição, que pode, na verdade, durar muito tempo, precisa lançar mão de diferentes *corpora*, tanto de língua oral quanto da escrita mais espontânea divulgada em meios digitais, ou ainda da observação informal, como fez Eunice Pontes. O fato é que o PB evita V1, como apontado por Kato e Duarte (2003; 2018; 2021), utilizando elementos leves em contextos em que ainda ocorre um sujeito referencial nulo, que, como vimos, é cada vez mais raro (*eu vou, só vou, não vou*). Segundo as autoras, haveria um novo padrão rítmico (ou prosódico) que leva à presença de um elemento em posição inicial. O mesmo novo padrão rítmico explicaria os alçamentos de constituintes para a posição inicial de uma sentença impessoal, evitando um expletivo nulo, como mostramos em (43c, d), (44c, d), (45c) e (46c). E, nesse sentido, compartilhamos a hipótese de Pilati (2006) e Pilati, Salles e Naves (2017).

## 6 Para concluir

Fechamos este artigo, justamente para virar a página, lembrando um artigo de Tarallo (1986), em que o autor compara o sociolinguista a Zelig, o camaleão – personagem de um filme de Woody Allen, que trazia um psicanalista que assimilava a personalidade de outras pessoas com quem contactava. Esse artigo é citado por Pagotto (2000) no texto a que nos referimos aqui. Pagotto lembra que Tarallo dizia serem os



sociolinguistas meio camaleões, que tinham de assumir os mais diversos matizes teóricos, a fim de dar conta do fenômeno de variação. Mas, se pensarmos que a TVM e as teorias linguísticas estão em campos diferentes, como reitera Pagotto em seu artigo, veremos que Tarallo estava apenas reconhecendo isso. Embora ele não tenha escrito o que estamos aqui dizendo, ele apenas reconhecia que precisava de uma teoria linguística que lhe permitisse fazer sintaxe comparativa. Mas sua postura foi muito criticada, e a metáfora foi muito mal-entendida. Como lembra Pagotto (2000, p. 62), a crítica apontava “uma certa leviandade que trazia uma ausência de rigor científico” e deixava transparecer certa “irracionalidade” (as referências no artigo de Pagotto remetem o leitor interessado à tal polêmica). O irreverente Pagotto conclui seu artigo dizendo pensar que

a imagem do camaleão não é a mais adequada. O sociolinguísta variacionista não é um ser que assume a personalidade deste ou daquele teórico. O sociolinguísta é um predador - um *tiranossaurus rex* - que devora e metaboliza as suas presas teóricas, refundindo e ressignificando as suas carnes preciosas, transformando matéria em energia, tentando perceber, ainda que intuitivamente, que matéria e energia podem ser a mesma ‘coisa’” (PAGOTTO, 2000, p. 62).

Se nos dermos conta do que diz Pagotto (e vimos dizendo isso há já algum tempo) – que a Sociolinguística e as Teorias Linguísticas estão em campos diferentes –, fica evidente que a Sociolinguística terá de lançar mão de uma teoria linguística para pôr de pé a pesquisa formulada em Weinreich, Labov e Herzog (1968), ou deixará de levantar hipóteses, de construir grupos de fatores, de buscar respostas ao “encaixamento” da mudança; deixará, enfim, de iluminar os caminhos da implementação da mudança ao longo do tempo, seja ele “aparente”, observando as diferentes gerações numa mesma sincronia, seja ele de curta ou longa duração. Se bem elaborada, justificando seus “grupos de fatores” e buscando explicações, para além das meras descrições, essa associação necessária certamente rende frutos. Os resultados que as análises empíricas trazem para as teorias linguísticas são inegáveis. Podemos dizer hoje que existe um tipo de retroalimentação, de parte a parte, que só pode contribuir para o conhecimento da mudança linguística. Na verdade, como afirma Roberts (2007, p. 339), ao examinar a mudança em curso no PB, não temos muita clareza sobre o que acontecerá com o sistema, mas “a

dinâmica da mudança corresponde amplamente ao cenário desenhado por Weinreich, Labov e Herzog”. Trata-se de uma situação complexa, “seja do ponto de vista sociolinguístico seja do ponto de vista linguístico”, mas não há dúvida de que as análises apresentadas “mostram como podemos usar as ferramentas da Teoria de Princípios e Parâmetros combinadas com a Teoria Sociolinguística, a fim de observar a mudança sintática em progresso” (ROBERTS, 2007, p.339).

Por que usamos a expressão “virar a página” no título deste artigo? Porque esperamos ver devidamente reconhecido o trabalho de Tarallo e seus orientandos, que continuam a desenvolver os estudos por ele inspirados, e, além disso, ver esclarecida a inutilidade de uma polêmica que, talvez por não se basear na efetiva prática da pesquisa sociolinguística, por não ter se dado conta de que os estudos em fonologia tinham por base teorias linguísticas diversas (entre as quais a de base gerativista), levasse alguns linguistas a proclamar a incomensurabilidade entre a empiria e o formalismo. Desde o libelo de Tarallo “por uma sociolinguística paramétrica”, pudemos ver as primeiras dissertações e teses por ele orientadas, entre as quais as de Duarte (1986), Lopes (1988) e Berlinck (1988), resumidas em Tarallo (1989), seguidas de Nunes (1990) e Pagotto (1992), em Roberts e Kato (1993), as teses de Oliveira (1989) e Ramos (1992), sem mencionar o número de orientações conduzidas por esses e outros pesquisadores por eles formados, que compõem hoje um respeitável grupo que trabalha com variação e mudança sintática não só no português brasileiro como nas outras variedades, além das demais irmãs românicas. É reconhecida a parceria de Tarallo com Mary Kato, que, desde seu falecimento precoce, vem se mantendo nos trabalhos constantes de Kato e Duarte. E a associação entre a variação e a sintaxe formal se deixa ver em todos esses trabalhos.

### **Declaração de autoria**

A primeira autora do artigo cuidou do quadro teórico, da análise, tema de seu projeto financiado pelo CNPq, e da redação do texto. O segundo autor, aluno de IC até fevereiro de 2021, quando passou para o Mestrado, cuidou do levantamento e análise estatística dos dados, e participou ativamente da interpretação e da redação do texto, bem como da implementação das sugestões dos pareceristas.

## Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas *ah hoc* pelas inúmeras sugestões no sentido de tornar certos pontos do texto mais claros e assegurar aos leitores que a Sociolinguística é um modelo teórico para estudar a mudança, levando em conta fatores linguísticos e sociais, e que os fatores linguísticos devem necessariamente vir de um modelo teórico gramatical que melhor possibilite o tratamento do fenômeno em questão dentro da teoria com que o pesquisador trabalhe. Todas as falhas remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

## Referências

AVANZI, M. La dislocation à gauche em français spontané. Étude instrumentale. *Le français moderne*, Neuchâtel, n. 2, p. 77-91, 2011. DOI: [http://unine.ch/files/live/sites/structuration\\_periodes/files/shared/new\\_am/35\\_.pdf](http://unine.ch/files/live/sites/structuration_periodes/files/shared/new_am/35_.pdf)

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European & Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistic: Studies in the Comparative Syntax of European & Brazilian Portuguese*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005. DOI: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5535/>

BARNES, B. K. An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 207-224.

BERLINCK, R. A de A. *A ordem VSN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. 265 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1988.

BORGES NETO; PAULA MULLER, A. L. Lingüistas ou Camaleões? Uma resposta a Tarallo. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 3, n. 1, p. 47-53. 1987. DOI: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43840/29116>

CALABRESE, A. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, v. 8, p. 146, 1986. DOI: <http://mitwpl.mit.edu/catalog/mwpl08>

CARDINALETTI, A. ; M. STARKE. The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes. In: van RIEMSDIJK, HHenk van Riemsdijk. (ed.). *Clitics in the Languages of Europe*, Empirical Approaches to Language Typology. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 145-233.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DI EUGENIO, B. Centering Theory and the Italian pronominal System. *COLING '90: Proceedings of the 13th Conference on Computational Linguistics*, V. 2. ACM – Digital Library, 1990. p. 270-275.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: I. ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 163-184.

DUARTE, M. E. L. *Variação e Sinataxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, PUC-SP, 1986.

DUARTE, M. E. L. A perda da ordem V(ERBO) S(SUJEITO) em Interrogativas QU- no português do Brasil. *DELTA*. São Paulo, v. 8, n. Especial, p. 37-52, 1992. DOI: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45720/30193>

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: ED. DA UNICAMP, 1993. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1995.

DUARTE, M. E. L. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, M. C.; RFERRAREZI JR, C. (orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas - uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-44.

DUARTE, M. E. L. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *GUAVIRA LETRAS*, Três Lagoas, v. 15, p. 124-140, 2019a. DOI: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/868/606>

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: GALVES, C.; KATO, M. A.; ROBERTS, I. (orgs.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2019b. p. 93-126.

DUARTE, M. E. L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. *CUADERNOS DE LA ALFAL*, Bogotá, Colômbia; v. 12, p. 71-99, 2020. DOI: [https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12\\_2\\_cuaderno\\_005.pdf](https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_005.pdf)

DUARTE, M. E. L.; MOURAO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª. pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 21-44.

DUARTE, M. E. L.; REZENDE DOS REIS, E.P. Revisitando o Sujeito Pronominal Vinte Anos Depois. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, RS, v. 16, n. 30, p. 173-197, 2018. DOI: <http://www.revel.inf.br/files/23f8c093cf2be398414c965bf05f8e75.pdf>

DUARTE, M. E. L.; FERNANDES, U. B. Construções de tópico sujeito em contexto de variação e mudança. *Web-Revista SOCIODIALETO*, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, v. 6, p. 347-371, 2016.

DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Brazilian Portuguese: a ‘partial’ null subject language? *Cadernos De Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, p. 1-21, 2021. DOI: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661660/27152>

DUARTE, M. E. L.; SOUSA, A. A. M. de; FERNANDES, U. S. B.; CARDOSO, M. M. C. A redução no quadro de clíticos de terceira pessoa no português brasileiro: um estudo diacrônico. *LABORHISTÓRICO*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 154-187, 2021. DOI: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/44191/25057>

DUBUISSON, C. L’inversion du SN sujet et la post-position du SN lourd en français. In: SANKOFF, D. ; H. CEDERGREN, H. (eds.). *Variation Omnibus*. Edmonton, Alberta: Linguistic Research, 1981

DURANTI, A.; OCHS, E. Left-dislocation in Italian conversation. In: GIVÓN, T. (ed.), *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 377-415.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. F. Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, v. 11, p. 228-239, 1989.

FRASCARELLI, M. Subjects, topics and the interpretation of referential pro. Na interface approach to the linking of (null) pronouns. *Natural Language and Linguistic Theory*, Berlim, v. 25, p. 691–734, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-007-9025-x>

GALVES, C. M. C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 31-50, 1987.

GROSZ, B.; JOSHI, A.; E, WEINSTEIN, S. *Towards a computational theory of discourse interpretation*. 1986. Não publicado.

GUIMARÃES, L. de S. *A representação do sujeito proposicional em peças de teatro portuguesas: um estudo diacrônico*. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1979.

HENRY, A. Variation and Syntactic Theory. In: CHAMBERS, J. ; TRUDGILL, P. ; SCHILLING-ESTES, N. Chambers, J., Trudgill, P. And Schilling-Estes, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2006. P. 267-282.

KATO, M. A. Strong and weak pronominals in the Null Subject Parameter. *Probus*, Berlin ; New York : Foris Publications, v. 11, p.1-37, 1999. DOI: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/prbs.1999.11.1.1/html>

KATO, M. Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica. In: KATO, M. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. P. 175-205.

KATO, M. A. Aspectos morfofonológicos nos paradigmas dos pronomes fortes e fracos do Português brasileiro. *Revista da ANPOLL*, Brasília, v. 1, p. 13-23, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i146.1084>.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no NWAV31, Univ. da Pennsylvania, 2003. DOI: <https://www.ling.upenn.edu/NWAVE32/abs-pdf/kato-duarte.pdf>

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Pre-verbal position in Brazilian Portuguese: a reinterpretation of the ‘avoid pronoun’ principle. *DIADORIM*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 610-626, 2018. DOI: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23293/15252>

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Prosodic Determinants in Syntax. *Cadernos de Linguística*, v. 2, p. 1-18, 2021. DOI: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/350/441>

KROCH, A. Reflexes of Grammars in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, Cambridge, v. 1, p.199-244, 1989. DOI: <https://www.ling.upenn.edu/~kroch/papers/reflexes.pdf>

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press. 1976. p. 457-489.

LOPES, R. E. V. *Passivas nos discursos oral e escrito: sintaxe e variação*. 1988. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, PUC-SP, 1988.

MARINS, J. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano oral*. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, 2009.

MARINS, J. E. *As repercussões na marcação do parâmetro do sujeito nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

MARTÍNEZ-SANZ, C. *Null and overt subjects in a variable system: the case of Dominican Spanish*. 2011. 484 p. Thesis (PhD in Spanish) – Faculty of Arts, University of Ottawa, 2011.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. M.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NICOLAU DE PAULA, M. *A ordem VS/SV e as interrogativas-Q no PE e no PB: uma análise diacrônica*. 2016. 147 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

NUNES, J. M. *O famigerado SE: Uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e indeterminador*. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. 1990.

OLIVEIRA, D. *Constituintes sentenciais: preenchimento, queda e ordenação*. 1989. 150 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, PUC-SP, 1989.

PAGOTTO, E. G. *A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico*. 1992. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1992.

PAGOTTO, E. G. De Camaleão a Tiranossaurus Rex - Linguística e Sociolinguística. *Laços - Revista da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 47-57, 2000.

PAREDES SILVA, V. L. *É isso aí: verbo ser e demonstrative em função coesiva no Português*, 1985, não publicado.

PAREDES SILVA, V. L.; OLIVEIRA, A. *É isso aí: a variação na referência estendida em diferentes gêneros da escrita*. In: PAIVA, M. C.; GOMES, C. A. (orgs.) *A Dinâmica da Variação e Mudança na Fala e na Escrita*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014. p.45-68.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, UnB, 2006.

PILATI, E.; NAVES, R.; SALLES, H. M. M. L. On the Syntax of Subjects in Brazilian Portuguese: Using the “SPLIT” Pronominal System as the Basis for an Alternative Analysis. *DIADORIM*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 99-139, 2017. DOI: <https://revistas.ufrj.br/index.php/adiadorim/article/view/13579/15376>

PINHEIRO, D. O. R.; MARINS, J. E. A trajetória das interrogativas QU-clivadas e não clivadas no português brasileiro. In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992)*: Estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 161-180.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

RAMOS, J. M. *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português*. 1992. 380 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1992.

RIZZI, L. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht : Foris, 1982.

ROBERTS, I. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

ROBERTS, I. *Diachronic Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ROBERTS, I. *Parameter hierarchies and universal grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in Minimalist theory. In: BIBERAUER, T. *et al.* (eds). *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp. 1993.



ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Singularities in the analysis of binomial data. *Biometrika*, Oxford, v. 65, n. 3, p. 603–608, 1978. DOI: <https://doi.org/10.1093/biomet/65.3.603>

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. SMITH, E. *Golbvarb X Programs*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SANTOS, D. R; SOARES DA SILVA, H. A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 121 - 142.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática. 1986.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-84, 1987.

TARALLO, F. *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp. 1989.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. *DIADORIM*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 13-42, 2007. DOI: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3849/2827>

TORIBIO, J. Dialectal Variation in the licensing of null referential expletive subjects. In: PARODI, C.; QUICOLI, C.; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1996. p. 409-432.

VANCE, B. S. *Null Subjects and Syntactic change in Medieval French*. 1989, Tese (Doutorado em Linguística), Cornell University, 1989.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: <[www.corporaport.letras.ufrj.br](http://www.corporaport.letras.ufrj.br)> Acesso em: 14 fev 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.